

A Tribo do Futebol em Portugal - Perceções e Representações Sociais dos Adeptos

Autores

Hugo Sarmiento¹; Miguel Peralta²; Élvio Rúbio Gouveia^{3,4}; Bruno Avelar Rosa^{1,5,6}; Antonino Pereira⁷; Filipe Clemente^{8,9}; Nuno Pimenta^{10,11}; António Sampaio^{10,11}; João Martins^{2,12}; Adilson Marques²

hg.sarmiento@gmail.com

Resumo

A volatilidade económica, social e cultural de que se reveste a contemporaneidade, potenciará um paradigma mercantil responsável pela transformação da organização e estrutura das organizações desportivas, onde se incluem a maioria dos clubes, bem como as formas de relação entre adeptos e clubes.

Atendendo à multifatorialidade do futebol, e considerando o momento particular que a nossa sociedade atravessa (i.e., pandemia), afigura-se necessário conhecer as perceções e representações que os adeptos possuem acerca do futebol profissional em Portugal.

Tendo por base as respostas de 1672 adeptos que completaram um questionário (1) traduzido e adaptado para o efeito, disponibilizado online e cujo tratamento dos dados foi realizado através do software SPSS V.26, concluímos que os adeptos: (1) não consideram que existam demasiados jogos; (2) percebem que os eventos associados ao jogo (simulações e faltas cometidas, tempo útil, queixas contra árbitros) devem evoluir favoravelmente para níveis aproximados daqueles que se verificam a nível europeu; (3) classificam o acesso ao espetáculo como sendo caro; (4) possuem uma perceção positiva relativamente ao VAR, ainda que apontem o sentido da sua evolução; (5) pretendem uma disseminação mais eficaz

¹ CIDAF - Centro de Investigação do Desporto e da Actividade Física, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

² CIPER - Centro Interdisciplinar de Estudo da Performance Humana, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa

³ Universidade da Madeira

⁴ Interactive Technologies Institute/LARSyS

⁵ Qantara Sports

⁶ Grupo de Investigação em Cultura e Educação, Universidade de Girona

⁷ Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu

⁸ Escola Superior de Desporto e Lazer, Instituto Politécnico de Viana do Castelo

⁹ Instituto de Telecomunicações, Delegação da Covilhã

¹⁰ Instituto Politécnico da Maia

¹¹ Instituto Universitário da Maia

¹² Instituto da Educação, Universidade de Lisboa

do futebol feminino; (6) apresentam uma postura praticamente neutra relativamente aos comportamentos associados ao fair play; (7) concordam que os treinadores e jogadores são referências a seguir, mas discordam neste aspeto relativamente aos dirigentes; (8) revelam que a pandemia não afetou o seu interesse pela modalidade; (9) apresentam especificidades próprias relativamente às suas perceções quando a análise é estratificada por sexo e preferência clubística.

As conclusões permitiram a formulação de um conjunto de recomendações práticas que se inserem a final neste documento.

Palavras-chave: Ambiente sociocultural, desporto profissional

INTRODUÇÃO

O futebol é o desporto mais popular do mundo, sendo também o mais praticado em Portugal (2). Tal como salienta Marivoet (3), o futebol, em particular, e o desporto, em geral, afiguram-se como espaços por excelência da afirmação de identidades socioculturais, que se expressam quer em torno da galvanização dos sentidos de afiliação de comunidades locais, regionais ou nacionais, quer na afirmação de subculturas de adeptos que incorporam de forma exacerbada os seus sentidos identitários. Segundo Coelho (4), parecem “não existir na sociedade muitas atividades e campos sociais que ocupem lugar tão central nos media, nas sociabilidades, nos gostos dominantes, como o futebol”. O autor considera que cada vez se torna mais difícil definir o “Futebol”, por adquirir múltiplas dimensões (desporto-espetáculo-instituição social), através das quais impõe a sua centralidade social e cultural pela força da popularidade e universalidade que são inegáveis.

Em Portugal, nenhum outro desporto se aproxima do futebol em termos de impacto na sociedade, seja no seu consumo, seja enquanto prática desportiva (5). O período atual de pandemia afigurou-se como um obstáculo à prática desportiva em geral, e ao futebol profissional em particular, pela quebra de cerca de 50% do volume de negócios que gera e que se cifram em cerca de 851 milhões de euros (549 milhões para o PIB, que representam cerca de 0,3%), sem contabilizar os impactos indiretos e induzidos na economia (6). O facto do futebol se ter transformado numa indústria global, levou a que os espetadores se tornassem nos únicos agentes amadores, no duplo sentido do termo: (1) por um lado, são aqueles que amam verdadeiramente e se entregam

por completo ao clube; (2) por outro, são aqueles que por não terem potencial futebolístico para estar em campo, são obrigados a depositar o seu apoio nos profissionais que os representam (7).

Apesar de estudos anteriores descreverem as perceções de adeptos de futebol em Portugal (8, 9), não se encontraram estudos mais recentes que tenham em conta as alterações decorrentes do momento pandémico, o qual impossibilitou a deslocação dos adeptos aos estádios, fruto das imposições e restrições impostas governamentalmente. Tendo em conta a vertente multifacetada do futebol (desporto-espetáculo-instituição social), e partindo do momento atípico pela qual a nossa sociedade atravessa, decorrente dos constrangimentos associados à COVID-19, afigura-se necessário conhecer com detalhe as perceções e representações que os adeptos têm acerca do futebol profissional em Portugal, por forma a extrair recomendações práticas que contribuam para o desenvolvimento desta atividade.

METODOLOGIA

Procedimentos

Para a realização do presente estudo utilizou-se uma versão adaptada do questionário desenvolvido por Poli, Ravael e Benson (1), no âmbito das atividades do CIES Football Observatory. O procedimento de tradução e validação do questionário encontra-se plasmada de seguida (10, 11).

A versão final do questionário, foi introduzida na plataforma LimeSurvey, facilitando a divulgação pela generalidade dos adeptos, entre janeiro e março de 2021, recorrendo não só às plataformas sociais, mas também a grupos organizados de adeptos e aos clubes.

Tabela 1 – Descrição das fases do procedimento de tradução e validação do questionário

Fase 1 - Tradução
A versão original em inglês foi traduzida de forma independente para português por dois autores (HS, AM). Posteriormente foi realizada uma discussão conjunta no sentido de combinar as duas versões independentes numa versão única. Não existiu necessidade de alterações significativas, uma vez que se tratavam de alterações pontuais. Também não existiu a necessidade de alterações estruturais relacionadas com o aspeto cultural da linguagem, uma vez que as questões envolvem aspetos comuns da vida quotidiana de um qualquer adepto de futebol.
Fase 2 – Retro tradução
A versão resultante da combinação feita pela tradução dos dois autores foi novamente traduzida para Inglês por um tradutor bilingue certificado. Obtida esta versão, foi realizada uma discussão com vista a identificar pequenas mudanças que se revelaram necessárias e que resultaram na versão final do questionário.
Fase 3 – Validação por Peritagem
À versão resultante da fase anterior foram adicionados um conjunto de itens adicionais. A versão, na sua globalidade, foi validada por peritagem por dois elementos doutorados em ciências do desporto com produção científica e experiência pedagógica no âmbito da sociologia.
Fase 4 – Teste piloto e entrevista cognitiva
Nesta etapa, realizou-se a adaptação transcultural do questionário com o propósito de alcançar a equivalência semântica e idiomática bem como a equivalência experimental (palavras e situações apropriadas para o contexto cultural português). A versão traduzida do questionário foi enviada a 20 adeptos (dos 18 aos 70 anos) que o preencheram. Destes foram selecionados três respondentes (com idades de 23 anos, 42 anos e 63 anos) para avaliar as suas respostas e identificar possíveis dificuldades de compreensão resultantes da tradução. Não foram encontradas dificuldades no preenchimento e compreensão do questionário, pelo que se assumiu a versão final do questionário.

Amostra

Obtiveram-se 2149 respostas ao questionário. Destas, 477 apresentavam falhas no seu preenchimento, pelo que foram eliminadas. Neste sentido, foram analisadas as respostas de 1672 adeptos sendo que a maioria (77,1%) era do sexo masculino e estes apresentavam uma média de idade superior à das mulheres. Adicionalmente, mais homens que mulheres praticaram ou treinaram futebol federado, e foram dirigentes em clubes de futebol. Por fim, os homens reportaram, em média, mais interesse por futebol do que as mulheres (Tab.2).

Tabela 2. Características dos participantes para a amostra total e por género.

	Média (desvio padrão) ou n (%)			p
	Total (n=1672)	Género		
		Homens (n=1289)	Mulheres (n=383)	
Idade	29,6 (11,6)	30,0 (11,5)	28,4 (11,7)	0,017 ^a
Clube				<0,001 ^b
SLB	704 (42,1)	538 (41,7)	166 (43,3)	
FCP	412 (24,6)	307 (23,8)	105 (27,4)	
SCP	370 (22,1)	290 (22,5)	80 (20,9)	
Outro	186 (11,1)	154 (11,9)	32 (8,4)	
Praticou futebol federado				<0,001 ^b
Não	689 (41,2)	367 (28,5)	322 (84,1)	
Sim	983 (58,8)	922 (71,5)	61 (15,9)	
Treinou futebol federado				<0,001 ^b
Não	1011 (60,5)	673 (52,2)	338 (88,3)	
Sim	661 (39,5)	616 (47,8)	45 (11,7)	
Dirigente de futebol				<0,001 ^b
Não	1374 (82,2)	1016 (78,8)	358 (93,5)	
Sim	298 (17,8)	273 (21,2)	25 (6,5)	
Interesse em futebol	4,1 (1,1)	4,4 (0,9)	3,2 (1,3)	<0,001 ^a

Abreviaturas: SLB, Sport Lisboa e Benfica; FCP, Futebol Clube do Porto; SCP, Sporting Clube de Portugal

^a Diferenças avaliadas com o teste T de *Student* para amostras independentes

^b Diferenças avaliada com o teste do Qui-quadrado

Análise de dados

Para análise dos dados recorreu-se ao software SPSS V.26. Foram calculadas medidas de dispersão e de tendência central. Verificada a normalidade de distribuição dos dados, recorreu-se a testes de comparação de médias (*t-student* e ANOVA, post-hoc Tukey) e ao teste do Qui-quadrado, sendo o nível de significância estabelecido em 5%.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO RESULTADOS

A análise do grau de concordância dos participantes com as afirmações dos sete temas em análise encontra-se plasmada nas figuras 1a e 1b. Em relação ao tema “Eventos do jogo e calendário competitivo” os participantes mostraram concordar (média ≥ 4) que existem muitas faltas e simulações de faltas, que o tempo útil de jogo é reduzido, e que existem demasiadas queixas contra os árbitros. Estas perceções corroboram os resultados (média de tempo útil de jogo: 49`34`; média de faltas de

32,34 faltas por jogo, enquanto que a Liga Inglesa apresenta uma média de 22; menos golos e menos passes por jogo quando comparadas com as cinco grandes Ligas Europeias; mais jogos com mais de 40 faltas que todas as restantes cinco maiores Ligas Europeias) (12) que revelam que a Liga Portuguesa se encontra muito atrás do futebol de alto nível nestes aspetos, e revelam uma questão estrutural suportada por um padrão cultural distorcido da forma como: (1) os jogadores jogam – potenciando situações de simulações excessivas de faltas; (2) como se treina – revelando que a preparação realizada não é eficaz para ultrapassar estes constrangimentos de reduzido tempo útil de jogo e demasiadas simulações e faltas, sendo que muitas vezes estes comportamentos são incentivados pelos próprios treinadores; (4) como se arbitra – salientando a atitude “defensiva” que os árbitros adotam, optando por assinalar frequentemente faltas em situações nas quais o jogo poderia prosseguir.

Por outro lado, os participantes reportaram ser neutros/não concordarem (média ≤ 3) com a existência de muitos jogos a todos os níveis (nacional/internacional/clubes/seleções), ao contrário do que sucede com a generalidade dos adeptos a nível europeu (1); tal pode ser motivado pelo frequente afastamento das competições europeias demasiado cedo por parte dos clubes portugueses, mas releva também que poderá existir espaço para a criação de novas competições. Tal constatação parece ter tido resposta recente por parte da UEFA, que anunciou a remodelação das suas competições (o que implica a realização de mais jogos) e a criação de novas provas, tanto no futebol masculino, como no futebol feminino. Não obstante, os recentes acontecimentos relativos à anunciada Superliga Europeia, revelaram que parece existir uma opinião generalizada entre os adeptos de que as competições se devem manter sob organização dos organismos que tutelam o futebol, e que a participação neste dever se regida pelo mérito desportivo.

Quanto ao tema da “Qualidade e acesso ao espetáculo” destaca-se o facto de os participantes concordarem (média ≥ 4) que os bilhetes para os jogos ao vivo e a subscrição dos canais desportivos são muito caros e que seria útil poder ouvir as comunicações entre o VAR e o árbitro principal. Os comportamentos associados às hostilidades violentas de algumas claques (3), facto que levou, inclusivamente, à criação da Autoridade para a Prevenção e Combate à Violência em 2018, parece não intimidar os adeptos, que revelam sentir-se seguros para assistir a jogos realizados ao vivo.

Para o tema “Futebol feminino e desigualdade” o grau de concordância variou entre 3,8 e 4,1 tendo os participantes mostrado concordar de uma forma geral com as afirmações. Esta é uma constatação relevante, uma vez que a presença de mulheres no desporto e, sobretudo no futebol, tem sido marcada por um processo de controvérsias e dilemas (13).

Também no tema “Fair-play” houve uma homogeneidade do grau de concordância, estando os participantes, em média, inclinados para uma posição neutra.

Relativamente à “Vertente financeira, equilíbrio competitivo e transferências” destaca-se a concordância (média ≥ 4) com os valores das transferências dos jogadores serem demasiado elevados e haver pouca transparência neste processo, com os jogadores e os empresários a ganharem demasiado dinheiro e com a falta de diversidade de clubes (além dos três grandes) a ganhar troféus. As mudanças culturais, sociais, políticas e económicas que marcaram a sociedade contemporânea, sustentam o paradigma mercantil responsável pela transformação da organização e estrutura da maioria dos clubes. A lei Bosman, aprovada em 1995, foi um marco desta transformação, potenciando a livre circulação de jogadores, o desnivelamento económico dos clubes e a emergência dos empresários ao mesmo tempo que se assistiu à produção de receitas cada vez mais volumosas relativamente às transações efetuadas, sendo raros os clubes (e.g., Athletic de Bilbao) que resistem a esta tendência (14).

Adicionalmente, os participantes revelaram não concordar que os dirigentes portugueses tivessem uma conduta séria e transparente, por outro lado, concordaram que os treinadores e jogadores portugueses são um modelo a seguir e consideram-nos muito bons. A atuação dos dirigentes em Portugal tem sido marcada, frequentemente, por episódios associados à corrupção. A um nível superior, entidades como a UEFA e FIFA têm também sido alvo de inúmeros processos associados a corrupção, má gestão financeira e relações promiscuas com os patrocinadores oficiais (15) o que contribui para a construção desta imagem.

Por fim, considerando o “Impacto da pandemia COVID-19”, os participantes revelaram uma postura maioritariamente neutra em relação às afirmações, apesar de ser evidente que a pandemia despertou a intenção de assistir a mais jogos ao vivo e que não teve uma influência negativa no interesse que demonstram pela modalidade.

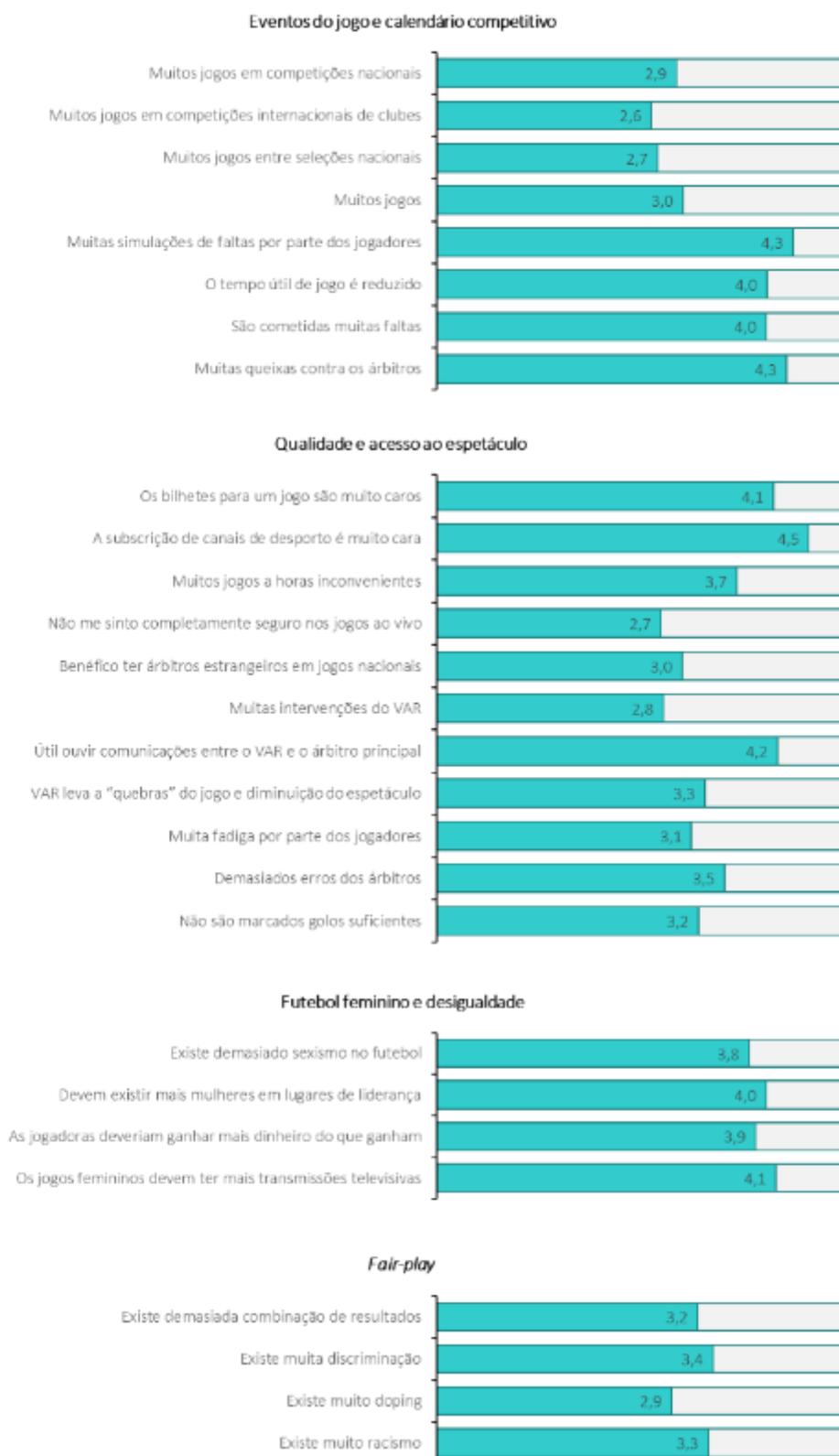


Figura 1a. Grau de concordância com as afirmações dos sete temas em análise (parte 1).

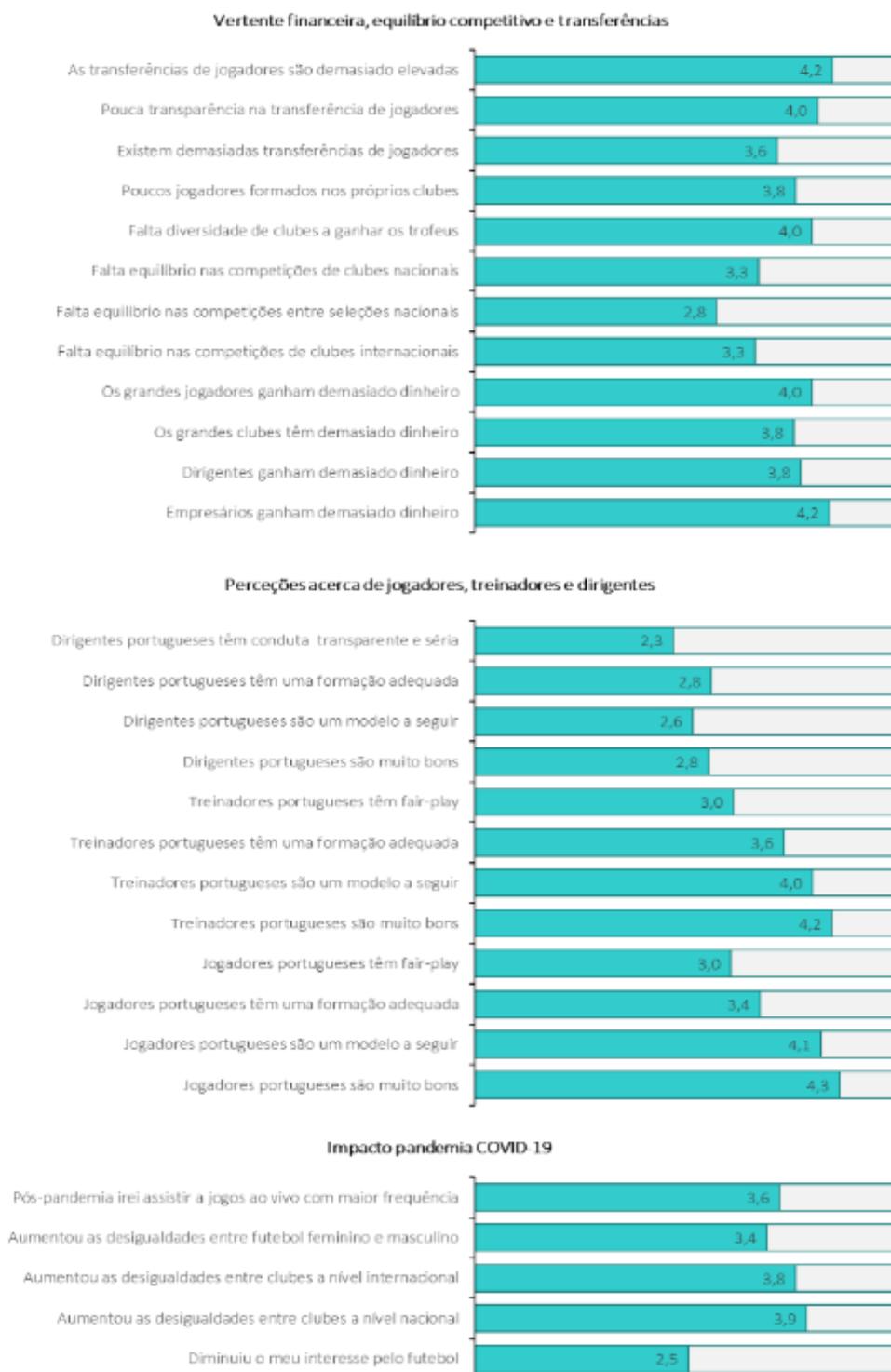


Figura 1b. Grau de concordância com as afirmações dos sete temas em análise (parte 2).

A análise do grau de concordância para cada afirmação estratificada por género (Tab.2), permitiu identificar diferenças em quase todas as variáveis analisadas. Das diferenças entre géneros salientamos sobretudo que as mulheres apresentaram uma

média de concordância superior à dos homens em todas as afirmações do tema “Futebol feminino e desigualdade” e também nas questões relacionadas com o “Fair-play”.

No início do século XX existia a tendência de recomendar algumas modalidades desportivas às mulheres (16), normalmente aquelas que reforçavam o status feminino, enquanto outras se afiguravam como proibidas por esbarrarem nas prerrogativas higienistas e eugenistas. Neste sentido, eram desaconselhadas as atividades que pudessem causar danos nos órgãos reprodutores e encorajadas aquelas que envolvessem movimentos suaves, graciosos e que contribuíssem para o bem-estar das futuras mães (13). A misoginia e a segregação são ainda uma realidade no futebol (e no desporto em geral) em pleno século XXI. Não obstante, os resultados deste estudo mostram claramente que não existe apenas uma concordância dos homens, relativamente aos temas do futebol feminino, mas também que as mulheres assumem uma posição muito clara relativamente a este aspeto. Naturalmente, a evolução da sociedade potenciou também os cuidados das futebolistas com a aparência física relacionados com os aspetos culturais e históricos da feminilidade, que surgiram neste âmbito como forma de naturalizar a representação feminina no espaço do futebol.

Salienta-se também que a perceção dos adeptos, relativamente aos comportamentos de *fair play* é, na sua maioria neutra, ainda que as mulheres, de forma mais acentuada que os homens, percecionem a existência de racismo e discriminação no futebol profissional em Portugal. Estes resultados parecem corroborar a tendência de enfraquecimento do princípio do *fair play* assinalada por Marivoet (17), justificada pela concorrência crescente dos interesses em prol dos resultados, que fez emergir uma tendência de se jogar no limite das regras (ou utilizando as suas margens). A autora sustentou as suas constatações em dados das instâncias disciplinares do futebol português, mas também das ocorrências da GNR que revelaram incrementos percentuais significativos ao longo das décadas analisadas. Também os comportamentos dos adeptos deverão ser tidos em conta, uma vez que o relatório da autoridade para a violência no desporto publicado recentemente, demonstra uma tendência das incidências que ocorrem fora do campo, existindo uma diminuição na época 2019/2020 associada sobretudo ao facto de grande parte dos jogos terem sido realizados à porta fechada. Este relatório demonstra que, do total de incidentes contabilizados no panorama desportivo nacional, 1577 tiveram lugar na modalidade

“futebol”, a maioria dos quais em espetáculos desportivos da 1ª Liga (58%, a que correspondem 912 incidentes) (18).

Tabela 2. Grau de concordância com as afirmações dos sete temas em análise estratificado por género.

	Média (desvio padrão)		p
	Homens (n=1289)	Mulheres (n=383)	
Eventos do jogo e calendário competitivo			
Muitas queixas contra os árbitros	4,3 (0,8)	4,1 (0,7)	<0,001
São cometidas muitas faltas	4,1 (0,8)	3,8 (0,7)	<0,001
O tempo útil de jogo é reduzido	4,3 (0,9)	3,1 (1,1)	<0,001
Muitas simulações de faltas por parte dos jogadores	4,4 (0,7)	4,2 (0,7)	<0,001
Muitos jogos	2,9 (0,9)	3,3 (0,9)	<0,001
Muitos jogos entre seleções nacionais	2,7 (0,9)	2,7 (0,9)	0,800
Muitos jogos em competições internacionais de clubes	2,5 (0,8)	2,9 (0,8)	<0,001
Muitos jogos em competições nacionais	2,8 (1,0)	3,2 (0,9)	<0,001
Qualidade e acesso ao espetáculo			
Não são marcados golos suficientes	3,2 (0,9)	3,1 (0,8)	0,001
Demasiados erros dos árbitros	3,6 (0,9)	3,3 (0,9)	<0,001
Muita fadiga por parte dos jogadores	3,1 (0,9)	3,2 (0,9)	0,173
VAR leva a “quebras” do jogo e diminuição do espetáculo	3,3 (1,3)	3,1 (1,1)	0,007
Útil ouvir comunicações entre o VAR e o árbitro principal	4,3 (1,1)	3,8 (1,1)	<0,001
Muitas intervenções do VAR	2,7 (0,9)	2,9 (0,8)	0,028
Benéfico ter árbitros estrangeiros em jogos nacionais	2,9 (1,4)	3,4 (1,1)	<0,001
Não me sinto completamente seguro nos jogos ao vivo	2,7 (1,1)	2,9 (1,1)	0,009
Muitos jogos a horas inconvenientes	3,8 (1,1)	3,3 (1,0)	<0,001
A subscrição de canais de desporto é muito cara	4,6 (0,7)	4,3 (0,7)	<0,001
Os bilhetes para um jogo são muito caros	4,1 (0,9)	4,0 (0,8)	0,003
Vertente financeira, equilíbrio competitivo e transferências			
Empresários ganham demasiado dinheiro	4,2 (0,9)	4,2 (0,8)	0,725
Dirigentes ganham demasiado dinheiro	3,8 (0,9)	4,0 (0,9)	0,007
Os grandes clubes têm demasiado dinheiro	3,7 (1,1)	4,0 (0,8)	<0,001
Os grandes jogadores ganham demasiado dinheiro	3,9 (1,1)	4,3 (0,8)	<0,001
Falta equilíbrio nas competições de clubes internacionais	3,3 (1,1)	3,2 (0,9)	0,195
Falta equilíbrio nas competições entre seleções nacionais	2,8 (1,0)	3,0 (0,9)	<0,001
Falta equilíbrio nas competições de clubes nacionais	3,3 (1,1)	3,4 (0,9)	0,155
Falta diversidade de clubes a ganhar os trofeus	4,0 (0,9)	3,7 (0,9)	<0,001
Poucos jogadores formados nos próprios clubes	3,9 (1,0)	3,5 (0,9)	<0,001
Existem demasiadas transferências de jogadores	3,6 (1,0)	3,6 (0,8)	0,890
Pouca transparência na transferência de jogadores	4,1 (0,8)	3,7 (0,8)	<0,001
As transferências de jogadores são demasiado elevadas	4,2 (0,9)	4,3 (0,8)	0,033
Fair-play			
Existe muito racismo	3,3 (1,1)	3,5 (1,0)	<0,001
Existe muito doping	2,8 (0,8)	3,1 (0,7)	<0,001
Existe muita discriminação	3,3 (1,0)	3,6 (0,9)	<0,001
Existe demasiada combinação de resultados	3,1 (0,9)	3,3 (0,7)	<0,001

Tabela 2 (continuação). Grau de concordância com as afirmações dos sete temas em análise estratificado por género.

	Média (desvio padrão)		p
	Homens (n=1289)	Mulheres (n=383)	
Fair-play			
Existe muito racismo	3,3 (1,1)	3,5 (1,0)	<0,001
Existe muito doping	2,8 (0,8)	3,1 (0,7)	<0,001
Existe muita discriminação	3,3 (1,0)	3,6 (0,9)	<0,001
Existe demasiada combinação de resultados	3,1 (0,9)	3,3 (0,7)	<0,001
Futebol feminino e desigualdade			
Os jogos femininos devem ter mais transmissões televisivas	4,0 (0,8)	4,6 (0,6)	<0,001
As jogadoras deveriam ganhar mais dinheiro do que ganham	3,9 (0,8)	4,5 (0,6)	<0,001
Devem existir mais mulheres em lugares de liderança	3,6 (1,0)	4,4 (0,7)	<0,001
Perceções acerca de jogadores, treinadores e dirigentes			
Jogadores portugueses são muito bons	4,3 (0,7)	4,2 (0,7)	<0,001
Jogadores portugueses são um modelo a seguir	4,1 (0,8)	4,0 (0,8)	0,004
Jogadores portugueses têm uma formação adequada	3,4 (1,0)	3,3 (0,9)	0,137
Jogadores portugueses têm <i>fair-play</i>	3,0 (0,9)	3,1 (0,8)	<0,001
Treinadores portugueses são muito bons	4,3 (0,7)	3,9 (0,7)	<0,001
Treinadores portugueses são um modelo a seguir	4,1 (0,8)	3,7 (0,8)	<0,001
Treinadores portugueses têm uma formação adequada	3,7 (0,9)	3,3 (0,8)	<0,001
Treinadores portugueses têm <i>fair-play</i>	3,1 (0,9)	3,0 (0,8)	0,438
Dirigentes portugueses são muito bons	2,7 (1,0)	2,9 (0,7)	<0,001
Dirigentes portugueses são um modelo a seguir	2,5 (1,0)	2,9 (0,8)	<0,001
Dirigentes portugueses têm uma formação adequada	2,7 (0,9)	2,9 (0,7)	<0,001
Dirigentes portugueses têm conduta transparente e séria	2,3 (0,9)	2,6 (0,8)	<0,001
Impacto pandemia COVID-19			
Diminuiu o meu interesse pelo futebol	2,4 (1,3)	2,7 (1,3)	<0,001
Aumentou as desigualdades entre clubes a nível nacional	3,9 (1,0)	3,9 (1,0)	0,693
Aumentou as desigualdades entre clubes a nível internacional	3,8 (1,0)	3,8 (1,0)	0,672
Aumentou as desigualdades entre futebol feminino e masculino	3,3 (1,0)	3,8 (1,0)	<0,001
Pós-pandemia irei assistir a jogos ao vivo com maior frequência	3,7 (1,1)	3,2 (1,1)	<0,001

Abreviaturas: VAR, vídeo-árbitro; COVID-19, doença por coronavírus 2019.

Diferenças avaliadas com o teste T de *Student* para amostras independentes.

Foram encontradas algumas diferenças entre o grau de concordância dos adeptos dos diferentes clubes (Tab. 3). Apesar de ser uma posição tendencialmente neutra, quando comparados com os restantes, os adeptos do Futebol Clube do Porto (FCP) são aqueles que mais concordam que existem demasiados jogos, fadiga e erros dos árbitros. Adicionalmente, e apesar de também estes revelarem a sua discordância ou neutralidade em relação ao assunto, quando comparados com os adeptos de todos

os outros clubes, os adeptos do FCP são aqueles que apresentam uma melhor representação sobre os dirigentes desportivos e também sobre os comportamentos de *fair play* dos treinadores. Dos denominados “três grandes” clubes transnacionais, provavelmente o FCP é aquele que continua a manter uma maior ligação à comunidade local, não apenas pelo nome do próprio clube, pela sua base de apoio local, mas também pela manutenção de jogadores, treinadores e dirigentes (e até adeptos) emblemáticos que, tal como refere Almeida (14) personificam a identidade das equipas e dos adeptos, que favoreceram o localismo e o regionalismo em lugar do cosmopolitismo. “Somos Porto”, “Nós contra todos”, “Jogar à Porto” são expressões quotidianas de adeptos, jogadores, treinadores e dirigentes que fomentam esta estreita ligação entre adeptos e clube.

Por outro lado, os adeptos do Sporting Clube de Portugal que tradicionalmente reclamam por “verdade desportiva”, são aqueles que mais discordam que o VAR tem interferência na qualidade do espetáculo desportivo, possivelmente porque consideram que realmente é uma mais-valia neste campo da verdade desportiva.

Tabela 3. Grau de concordância com as afirmações dos sete temas em análise estratificado por preferência clubística.

	Média (desvio padrão)				p
	SLB (n=704)	FCP (n=412)	SCP (n=370)	Outro (n=186)	
Eventos do jogo e calendário competitivo					
Muitas queixas contra os árbitros	4,3 (0,8)	4,2 (0,7)	4,3 (0,7)	4,2 (0,9)	0,135
São cometidas muitas faltas	4,0 (0,8)	4,0 (0,8)	4,0 (0,8)	4,0 (0,9)	0,960
O tempo útil de jogo é reduzido	4,0 (1,1)	4,0 (1,1)	4,0 (1,1)	4,2 (1,1)	0,123
Muitas simulações de faltas por parte dos jogadores	4,4 (0,7)	4,3 (0,7)	4,3 (0,7)	4,3 (0,8)	0,021
Muitos jogos	3,0 (0,9)	3,1 (1,0)	2,9 (0,9)	2,9 (0,9)	0,001
Muitos jogos entre seleções nacionais	2,7 (0,9)	2,7 (0,9)	2,7 (0,9)	2,7 (0,9)	0,714
Muitos jogos em competições internacionais de clubes	2,7 (0,8)	2,6 (0,8)	2,6 (0,8)	2,6 (0,8)	0,358
Muitos jogos em competições nacionais	2,9 (0,9)	3,1 (1,0)	2,8 (0,9)	2,8 (0,9)	<0,001
Qualidade e acesso ao espetáculo					
Não são marcados golos suficientes	3,2 (0,9)	3,1 (0,9)	3,2 (0,9)	3,2 (0,8)	0,221
Demasiados erros dos árbitros	3,4 (0,9)	3,7 (0,9)	3,5 (0,9)	3,3 (1,0)	<0,001
Muita fadiga por parte dos jogadores	3,1 (0,9)	3,3 (0,9)	3,0 (0,9)	3,0 (0,9)	<0,001
VAR leva a “quebras” do jogo e diminuição do espetáculo	3,5 (1,2)	3,3 (1,2)	2,8 (1,2)	3,2 (1,2)	<0,001
Útil ouvir comunicações entre o VAR e o árbitro principal	4,2 (1,1)	4,2 (1,0)	4,2 (1,0)	4,0 (1,2)	0,059
Muitas intervenções do VAR	2,9 (0,9)	2,7 (0,9)	2,6 (0,8)	2,7 (0,9)	<0,001
Benéfico ter árbitros estrangeiros em jogos nacionais	3,0 (1,4)	3,1 (1,4)	3,0 (1,4)	2,8 (1,4)	0,041
Não me sinto completamente seguro nos jogos ao vivo	2,8 (1,1)	2,6 (1,1)	2,7 (1,1)	2,8 (1,1)	0,150
Muitos jogos a horas inconvenientes	3,7 (1,1)	3,5 (1,1)	3,7 (1,1)	3,9 (1,1)	0,002
A subscrição de canais de desporto é muito cara	4,6 (0,6)	4,5 (0,7)	4,5 (0,7)	4,5 (0,7)	0,108
Os bilhetes para um jogo são muito caros	4,2 (0,8)	4,1 (0,8)	4,1 (0,8)	3,9 (1,0)	0,010

Tabela 3 (continuação). Grau de concordância com as afirmações dos sete temas em análise estratificado por preferência clubística.

	Média (desvio padrão)				P
	SLB (n=704)	FCP (n=412)	SCP (n=370)	Outro (n=186)	
Vertente financeira, equilíbrio competitivo e transferências					
Empresários ganham demasiado dinheiro	4,2 (0,9)	4,1 (0,9)	4,3 (0,8)	4,1 (0,9)	0,001
Dirigentes ganham demasiado dinheiro	3,9 (0,9)	3,8 (0,9)	3,9 (0,9)	3,7 (1,0)	0,005
Os grandes clubes têm demasiado dinheiro	3,8 (1,0)	3,7 (1,0)	3,7 (1,1)	3,8 (1,0)	0,292
Os grandes jogadores ganham demasiado dinheiro	4,0 (1,1)	3,9 (1,0)	4,0 (1,0)	3,8 (1,0)	0,040
Falta equilíbrio nas competições de clubes internacionais	3,4 (1,1)	3,2 (1,1)	3,2 (1,1)	3,4 (1,1)	0,007
Falta equilíbrio nas competições entre seleções nacionais	2,9 (1,0)	2,8 (1,0)	2,7 (1,0)	2,9 (1,0)	0,075
Falta equilíbrio nas competições de clubes nacionais	3,4 (1,1)	3,3 (1,0)	3,2 (1,0)	3,3 (1,1)	0,105
Falta diversidade de clubes a ganhar os trofeus	4,0 (0,9)	3,9 (0,9)	3,9 (0,9)	4,0 (1,0)	0,113
Poucos jogadores formados nos próprios clubes	3,8 (1,0)	3,7 (0,9)	3,8 (0,9)	3,8 (1,0)	0,646
Existem demasiadas transferências de jogadores	3,6 (0,9)	3,4 (1,0)	3,6 (0,9)	3,5 (1,0)	0,004
Pouca transparência na transferência de jogadores	4,1 (0,8)	3,9 (0,9)	4,1 (0,8)	3,9 (0,9)	0,009
As transferências de jogadores são demasiado elevadas	4,3 (0,8)	4,1 (0,9)	4,3 (0,8)	4,0 (0,9)	0,001
Fair-play					
Existe muito racismo	3,3 (1,1)	3,4 (1,1)	3,2 (1,1)	3,2 (1,1)	0,033
Existe muito doping	2,9 (0,8)	2,9 (0,8)	2,8 (0,8)	2,9 (0,8)	0,089
Existe muita discriminação	3,4 (1,0)	3,4 (1,0)	3,3 (1,0)	3,4 (1,0)	0,898
Existe demasiada combinação de resultados	3,2 (0,9)	3,2 (0,8)	3,2 (0,9)	3,2 (0,8)	0,843
Futebol feminino e desigualdade					
Os jogos femininos devem ter mais transmissões televisivas	4,2 (0,8)	4,1 (0,8)	4,1 (0,8)	4,0 (0,9)	0,153
As jogadoras deveriam ganhar mais dinheiro do que ganham	3,9 (0,9)	3,9 (0,9)	3,9 (0,9)	3,7 (0,9)	0,041
Devem existir mais mulheres em lugares de liderança	4,0 (0,8)	4,0 (0,8)	4,0 (0,8)	3,9 (0,9)	0,039
Existe demasiado sexismo no futebol	3,8 (1,0)	3,8 (1,0)	3,8 (1,1)	3,7 (1,1)	0,325
Perceções acerca de jogadores, treinadores e dirigentes					
Jogadores portugueses são muito bons	4,3 (0,7)	4,3 (0,7)	4,3 (0,7)	4,1 (0,8)	0,004
Jogadores portugueses são um modelo a seguir	4,1 (0,8)	4,1 (0,7)	4,0 (0,9)	3,9 (0,8)	0,004
Jogadores portugueses têm uma formação adequada	3,4 (0,9)	3,4 (0,9)	3,3 (1,0)	3,2 (1,0)	0,036
Jogadores portugueses têm <i>fair-play</i>	3,0 (0,9)	3,1 (0,8)	3,0 (0,9)	2,9 (0,9)	0,122
Treinadores portugueses são muito bons	4,2 (0,7)	4,2 (0,7)	4,2 (0,7)	4,1 (0,9)	0,244
Treinadores portugueses são um modelo a seguir	4,0 (0,8)	4,0 (0,7)	3,9 (0,9)	3,9 (0,9)	0,072
Treinadores portugueses têm uma formação adequada	3,6 (0,9)	3,7 (0,8)	3,6 (0,9)	3,5 (1,0)	0,068
Treinadores portugueses têm <i>fair-play</i>	3,0 (0,9)	3,2 (0,9)	2,9 (0,9)	3,0 (0,9)	<0,001
Dirigentes portugueses são muito bons	2,7 (0,9)	3,0 (0,9)	2,6 (0,9)	2,7 (1,0)	<0,001
Dirigentes portugueses são um modelo a seguir	2,5 (1,0)	2,7 (0,9)	2,4 (1,0)	2,6 (1,0)	<0,001
Dirigentes portugueses têm uma formação adequada	2,8 (0,9)	2,9 (0,8)	2,7 (0,9)	2,7 (0,9)	<0,001
Dirigentes portugueses têm conduta transparente e séria	2,3 (0,9)	2,5 (0,9)	2,2 (0,9)	2,4 (0,9)	<0,001
Impacto pandemia COVID-19					
Diminuiu o meu interesse pelo futebol	2,7 (1,3)	2,5 (1,3)	2,2 (1,1)	2,4 (1,3)	<0,001
Aumentou as desigualdades entre clubes a nível nacional	3,9 (0,9)	3,9 (1,0)	3,8 (1,1)	3,9 (1,0)	0,513
Aumentou as desigualdades entre clubes a nível internacional	3,8 (1,0)	3,8 (1,0)	3,7 (1,1)	3,8 (0,9)	0,203
Aumentou as desigualdades entre futebol feminino e masculino	3,4 (1,0)	3,5 (1,1)	3,4 (1,1)	3,4 (1,1)	0,286
Pós-pandemia irei assistir a jogos ao vivo com maior frequência	3,6 (1,1)	3,7 (1,1)	3,5 (1,1)	3,7 (1,3)	0,166

Abreviaturas: VAR, vídeo-árbitro; COVID-19, doença por coronavírus 2019.

Diferenças avaliadas com o teste ANOVA para amostras independentes.

Aplicações Práticas

Do presente trabalho emergiram as seguintes constatações:

- 1- Apesar dos constrangimentos atuais, o pós-pandemia deve ser encarado como uma oportunidade de recuperação por parte dos clubes, tendo em conta a vontade expressa dos adeptos em assistir a mais jogos ao vivo;
- 2- Existindo possibilidade para tal, a realização de mais jogos (clubes/seleções) e novas competições, afigura-se como apetecível para os adeptos;
- 3- Existe necessidade de o jogo evoluir (tempo útil, redução do número de faltas e simulação de faltas, queixas contra os árbitros) para patamares semelhantes aos das melhores ligas europeias, algo que terá naturalmente de passar por processos mais eficazes de educação de jogadores/treinadores/dirigentes;
- 4- O acesso aos jogos, em termos de preços (jogos ao vivo e subscrição de canais) e horários é percecionado de forma negativa, pelo que urge a necessidade de se encontrarem formas de ultrapassar este constrangimento;
- 5- A introdução do VAR revelou-se positiva, mas a evolução para um sistema que facilite a audição da comunicação entre árbitro e VAR (à semelhança do que já acontece noutros desportos), afigura-se como desejável;
- 6- Necessidade de dinamizar (e até profissionalizar) o futebol feminino;
- 7- Torna-se imperativo uma formação mais adequada dos dirigentes desportivos;
- 8- Devem implementar-se medidas mais efetivas de uma cultura de *fair play* para todos os intervenientes do espetáculo.

BIBLIOGRAFIA

1. Poli R, Ravanel L, Besson R. What football fans think about the professional game 2021 [Available from: [https://football-observatory.com/IMG/sites/mr/mr61/en/.](https://football-observatory.com/IMG/sites/mr/mr61/en/)]
2. Instituto Nacional de Estatística. Desporto em números. 2021. [Available from: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=6358545&PUBLICACOESmodo=2]
3. Marivoet S. Subculturas de adeptos de futebol e hostilidades violentas – O caso português no contexto europeu. *Configurações - Revista de sociologia*. 2009;279-99.
4. Coelho N. *Paixão F.C., a equipa de todos nós”: futebol, identidades, significados e representações sociais*. Actas do IV Congresso Português de Sociologia; 2002.
5. Fernandes J. *A construção social da identidade clubística: O caso dos adeptos do Clube de Futebol “Os Belenenses”*: Dissertação de Mestrado (não publicada). ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa; 2020.
6. Ernst, Y. Anuário do Futebol Profissional em Portugal Liga Portugal; 2020. [Available from: <https://www.ligaportugal.pt/media/14041/anuario-do-futebol-profissional-portugues-liga-portugal.pdf>]
7. Damo AS. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 2008;23:139-50.
8. Conceição R. *Claques de futebol em Portugal: Os discursos nas redes sociais 2014*. Dissertação de Mestrado (não publicada). Lisboa – Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna.
9. Xavier D, Cardoso T, Cardoso G. Media, Futebol e Identidade na Sociedade em Rede. *Observatório Journal*, 2007;1:119-143.
10. Beaton DE, Bombardier C, Guillemin F, Ferraz MB. Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine (Phila Pa 1976)*. 2000;25(24):3186-91.
11. Guillemin F, Bombardier C, Beaton D. Cross-cultural adaptation of health-related quality of life measures: Literature review and proposed guidelines. *Journal of Clinical Epidemiology*. 1993;46(12):1417-32.

12. Pombo D. Em Portugal, joga-se pouco à bola: em média, cada jogo tem 49 minutos de tempo útil. *Tribuna Expresso*. 2021 05/03/2021.
13. Salvini L, Souza J, Marchi. Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2015;29:559-69.
14. Almeida P. Futebol, Mercantilismo e Identidade no século XXI : Hegemonia e Contra-Hegemonia. *Forum Sociológico*. 2015;26:7-16.
15. Bazel M. *Theatre of Silence: the lost soul of football*: Cambridge: Pegasus; 2011.
16. Hasse M. *O Divertimento do Corpo. Corpo, lazer e desporto na transição do Séc. XIX para o Séc. XX, em Portugal*. Lisboa: Editora Temática; 1999.
17. Marivoet S. *Abordagem sociológica da ética do desporto no contexto da mudança social: o caso português durante o estado democrático do século xx*. VII Congresso Português de Sociologia; 2012; Porto. [Available from: http://associacaoportuguesasociologia.pt/vii_congresso/papers/ finais/PAP1278_e d.pdf].
18. APCVND, PSP. *Relatório de análise da violência associada ao desporto (RAVID)*. 2021. [Available from: <https://www.apcvd.gov.pt/wp-content/uploads/2020/12/RELATORIO-DE-ANALISE-DA-VIOLENCIA-associada-ao-DESPORTO-RAVID..pdf>].